

ANÁLISES DE NOTÍCIAS SOBRE JOGADORAS NO FUTEBOL: ECOS DA MEMÓRIA PATRIARCAL?

Tamara de Souza Campos¹

Daniel Barbosa Lima²

RESUMO

Para compreender melhor a cobertura realizada sobre o futebol feminino e se há vestígios de uma lógica patriarcal, escolhemos o site do Globo Esporte como *corpus* de análise, mais especificamente as notícias publicadas no primeiro trimestre de 2022. O artigo traz um estudo de caso, com metodologia qualitativa, tendo como base a análise documental e a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. Das 10.075 notícias publicadas sobre futebol, a modalidade masculina figurou em 9634, contra 441 da feminina, apenas 4% de visibilidade em comparação ao futebol masculino. Neste artigo analisaremos a categoria dois: "Análise de Atletas", por reconhecer que a qualificação das mulheres é crucial para o patriarcado. Concluímos que embora o site procure combater a lógica patriarcal, ainda reforça assimetrias, seja quantitativamente, pela pouca visibilidade, ou qualitativamente, como consequência de uma subordinação financeira da modalidade feminina em relação à masculina e de outras formas sutis e pontuais no texto em duas das quatro notícias analisadas.

Palavras-chave: Futebol. Gênero. Imprensa.

ANALYSIS OF NEWS ABOUT FOOTBALL PLAYER'S: ECHOS OF A PATRIARCHAL MEMORY?

ABSTRACT

To better understand the coverage of women's football and whether there are traces of a patriarchal logic, we chose the Globo Esporte website as the corpus

¹ Professora adjunta doutora I da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO) no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes. Jovem Cientista Mulher pela FAPERJ, com a pesquisa "Arte, substantivo feminino: memórias de artistas plásticas cariocas do século XX", vigência de 2024 a 2027. Doutora em Memória Social da Unirio na linha de Memória e Linguagem. Mestre em Educação, Cultura e Comunicação pela UERJ, especialista em Comunicação Empresarial pela UCAM. Possui graduação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2010) e é Licenciada em Sociologia pela UNESA (2023).

² Mestre em Humanidades, Culturas e Artes pela Unigranrio.

of analysis, more specifically the news published in the first quarter of 2022. The article presents a case study, with qualitative methodology, based on documentary analysis and Laurence Bardin's Content Analysis. Of the 10,075 news articles published about football, men's football accounted for 9,634, compared to 441 for women's, just 4% visibility compared to men's football. In this article we will analyze category two: "Athlete Analysis", as it recognizes that women's qualifications are crucial to patriarchy. We conclude that although the site seeks to combat patriarchal logic, it still reinforces asymmetries, whether quantitatively, due to low visibility, or qualitatively, as a consequence of the financial subordination of the female modality in relation to the male modality and in other subtle and specific ways in the text in two of the four news items analyzed.

Keywords: Football. Gender. Press.

Introdução

O caminho das futebolistas nem sempre foi fácil e ainda é marcado fortemente por uma hegemonia masculina, que ainda não foi superada. Franzini (2005, p. 316) frisa o quanto "É notório que o universo do futebol se caracteriza por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino. Franzini (2005) ressalta ainda que "esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural", do que resulta um imaginário coletivo que ainda entende que "[...] 'futebol é coisa pra macho', [...] 'coisa para homem.'"

A primeira partida oficial feminina data de 23 de março de 1895 entre as equipes Norte e Sul no Crouch End Athletic Ground e foi disputada em Londres. Essa partida atraiu um público de 10 mil pessoas (FIFA, 2022). Na época, a mídia ficou dividida sobre o jogo. O "The Guardian": "Só posso dizer que a impressão deixada em minha mente pela peça da tarde foi que era uma visão extremamente bonita"; O jornal de Manchester: "Não há razão para que o jogo não seja anexado por mulheres para seu próprio uso como uma nova e saudável forma de recreação." (*Ibidem*, 2022). Percebemos, já nestas coberturas, a associação entre mulher e beleza (Buitoni, 2019), bem como a ideia de amadorismo e *hobbie*, pois "as atividades das mulheres foram definidas como não trabalho, o trabalho das mulheres começou a se parecer com um recurso natural, disponível para todos, assim como o ar que respiramos e a água que bebemos" (FEDERICI, 2017).

Entretanto, jornais da época foram contra, como veiculado pelo *Bristol Mercury* e do *Daily Post*, em sequência: “Elas não podem e nunca vão jogar Futebol como deve ser jogado”; “De nossa parte, estamos felizes que as mulheres não possam jogar futebol. Mesmo que fossem capazes disso, o jogo seria essencialmente inadequado para o sexo delas.” (FIFA, 2022).

Um jogo no Boxing Day, neste mesmo ano de 1895, reuniu cerca de 53.000 pessoas no estádio Goodison Park do Everton. Milhares de pessoas ficaram de fora do evento, no entorno do estádio (DOBLE, 2017). Apesar de todas as adversidades, em 1920, na Inglaterra, existiam cerca de 150 equipes femininas.

Nesse panorama, alguns anos depois, já que no contexto da primeira guerra mundial, o futebol feminino ganha grande notoriedade, pois os homens foram para a área de combate. Entretanto, a jornada das mulheres no mundo esportivo foi cercada por preconceitos e proibições.

Em 5 de dezembro de 1921, a Associação de Futebol proibiu as mulheres de jogar em campos afiliados à FA, o que significava que estrelas como Lily Parr não podiam mais jogar em campos com instalações para espectadores. A FA na época disse que “o jogo de futebol é bastante inadequado para mulheres e não deveria ser incentivado. Em 1971, a proibição foi finalmente levantada após a formação da Associação de Futebol Feminino (WFA) alguns anos antes (DOBLE, 2017, p. 4).

No Brasil, a prática do futebol iniciou com os homens na década de 20. Bonfim (2019) destaca que as fontes de pesquisas acadêmicas e jornalísticas brasileiras mostram as equipes masculinas na popularização do Futebol nas primeiras décadas do século XX. De acordo com a autora, “esse Futebol masculino – em seus personagens e seus corpos (mestiços, com “ginga” e com “raça”) – foi a base para a construção de uma ideia de Brasil mundo afora.”

Morel e Sales (2005, p. 262) “[...] relatam que em 1921, por exemplo, há registros de um jogo realizado na cidade de São Paulo entre senhoritas “tremembenses” contra senhoritas “catarinenses.” Este evento foi veiculado pelo Jornal “A Gazeta” e categorizou-o como um ato curioso, pelas comemorações de São João, entretanto, num período curto, começou a ser exibido em circos,

instigando a curiosidade do público (OLIVEIRA NETO; SANTOS, 2017). A exibição em um circo, nesse período, é sintomática e evidencia o inusitado de mulheres jogando futebol para a mentalidade da época. Em 1930, já existiam comprovações da prática do futebol feminino:

A apropriação de fragmentos da mídia impressa em 1931 nos remete a uma época em que a cidade do Rio de Janeiro era “Distrito Federal”, São Paulo a “Paulicéa”, fotos chamavam-se “instantaneos”, times eram “teams”, escrete era “scratch”, os jogos aconteciam no “stadium”, jogo era “match”, e o esporte ou “sport” mais popular era o “football”, quer dizer futebol, em que um “atrahente festival íntimo” era uma preliminar de “teams” de moças ou futebol feminino, num dia em que o Brasil Football Club programou vários “matchs”. (BONFIM, 2019, p.19)

De um lado, considerações quanto à importância da prática do Futebol feminino e, de outro, rumores diante do protagonismo das jogadoras na década de 30. Goellner (2021) explica que a presença das mulheres neste espaço, que no início se deu com os homens, e a audácia de decidir sobre o uso dos seus corpos no ambiente esportivo, desorganizava as representações de gênero e, em última instância, as relações de poder.

Assim, no Brasil, nas décadas de 30 e 40, as mulheres futebolistas apareciam de forma significativa nas notícias dos jornais esportivos, com direito a divulgação de suas escalções, fotos e entrevistas jornalísticas, especialmente no subúrbio do Rio de Janeiro, nos bairros de Cascadura, Piedade, Engenho Novo, Realengo e Valqueire Bonfim (2019), mas, ao mesmo tempo, crescia um discurso que condenava a prática do esporte por mulheres. Argumentos acerca da saúde, morais e mesmo eugênicos eram mobilizados, no sentido de que o prejudicaria a saúde individual feminina, que a obrigação da mulher era com o fortalecimento da nação e a geração de filhos fortes e saudáveis, o que poderia ser comprometido pela prática, tida como muito agressiva para a “frágil condição feminina” Franzini (2005).

Existia os esportes recomendados para a mulher e os não recomendados. Um importante desdobramento foi em 1941, quando o Conselho Nacional de Desporto (CND) publicou um documento proibindo as mulheres de praticar

atividades como lutas, boxe, salto com vara, entre outras (FRANZINI, 2005, p. 8).

Ao “proteger” a “natureza feminina”, a lei atendia ao apelo daqueles que condenavam a prática do futebol pelas mulheres, e ainda deixava a critério do CND a definição de quais esportes elas poderiam praticar. Tal percepção era fruto de um tradicionalismo entre os anos de 1896-1928 baseado na crença de senso comum que a mulher nascia frágil e que não poderia fazer atividades vigorosas, apresentando risco para a sua saúde e seu bem-estar e dos seus fetos (Miragaya, 2002). Isso encontra eco “na tradição dos jogos Olímpicos da Antiguidade na Grécia Antiga, acreditava-se que o corpo feminino era condicionado para a maternidade” (Miragaya, 2002, p. 2).

E havia uma série de esportes “recomendáveis”, como já mostrava o citado laudo da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde: tênis, voleibol, críquete, natação, ciclismo - estes dois últimos desde que “praticados moderadamente”. Vale ressaltar o teor elitista dos esportes liberados para as mulheres, pois dependem de equipamentos específicos e, dificilmente, são praticados pela massa.

O jogo tido como o primeiro do futebol feminino no país ocorreu em maio de 1940, quando as atletas do Futebol de campo do Flamengo e São Paulo fizeram um jogo contra (amistoso, preliminar) no estádio do Pacaembu (FRANZINI, 2005).

Oliveira Neto e Santos (2017) apresentam a dificuldade de propagar o futebol feminino em todas as esferas sociais, nas quais o preconceito persiste. Historicamente, os homens viam as mulheres como objetos pessoais e com a função primordial de procriação, de modo que elas deveriam ser obedientes a eles e tinham a sua liberdade de expressão sob a opressão masculina. O futebol era um espetáculo da esfera pública, o que ia de encontro à visão patriarcal que vincula a mulher à esfera doméstica, de foro privado.

Ressalta-se que o intuito da pesquisa não é a resolução do problema que circunda as reportagens veiculadas, mas buscar compreender se, por que e como o patriarcado pode estar sutilmente presente nessas notícias. O diálogo aqui é importante para aprendermos a reconhecer a representação

subalternizada da mulher que, apesar das lutas feministas, ainda é bastante presente e ressoa nos distintos campos de disputa simbólicos e facilmente reconhecemos no discurso de alguns grupos masculinistas, como os *Incel*s e os *Red pills*.

Patriarcado e futebol

A primeira convocação pela Confederação Brasileira de Futebol de um time nacional feminino ocorreu em 1988. Esse acontecimento marcante faz alusão ao ano de 1983, período que regulamentou definitivamente o Futebol feminino no Brasil, já na época da reabertura política.

A exclusão e estigma das mulheres no esporte tem suas raízes na própria questão do patriarcado (LERNER, 2019). Há toda uma construção de uma imagem social de inferioridade das mulheres que é secular. No modo de viver patriarcal, as mulheres estão na condição de subalternas, oprimidas e o homem é considerado o centro da sociedade. Por sua vez, a teoria feminista argumentou haver discursos masculinos produzidos pela ordem patriarcal, responsáveis por modelar subjetividades femininas condicionadas a tornar a mulher uma categoria de Outro: obedientes filhas, boas esposas, mães compulsórias e cúmplices das violências praticadas contra elas [...]. (AKOTIRENE, 2019, p. 20).

O sistema do patriarcado faz uso de tais estereótipos para dominar a mulher e fazer com que ela seja submissa aos seus mandos e desmandos. O patriarcado é o termo usado pelo feminismo para designar a formação social onde os homens detêm o poder. Trata-se de um sistema sociopolítico que vai além do sexismo e do machismo presente nas relações interpessoais (DELPHY, 2009).

Pateman (1993, p. 43) entende que “a gênese da família (patriarcal) é frequentemente entendida como sinônimo da origem da vida social propriamente dita, e tanto a origem do patriarcado quanto a da sociedade são tratadas como sendo do mesmo processo”. Assim, o patriarcado é visto como algo “natural”, ou seja, à mulher cabe o dever de maternar, cuidar da casa e obediência ao homem.

Os preconceitos e a subordinação feminina geram efeitos reais: a comparação salarial do IBGE (2019) retrata a desigualdade, com mulheres

recebendo em média R\$ 1.1985,00 e os homens cerca de R\$ 2.555,00. Somente 37,4% das mulheres ocupam cargos de comando e gerência no Brasil e, quando ocupam, recebem 38,1% a menos comparado aos homens no mesmo cargo.

No campo futebolístico, a disparidade também existe (MOURÃO, 2004). Um estudo feito pelo sindicato internacional dos jogadores de futebol (FIFPro) com atletas de diversos países, publicado em 2018 pela Agência Brasil mostra que 49% das atletas de futebol não recebem salários e que 87% terminarão a carreira antes dos 25 anos. O relatório expõe que 1% das jogadoras cobram remuneração iguais ou maiores que 6.489 euros (R\$ 29.323,14); 9% recebem entre este valor e 1.620 euros (R\$ 7.320,62); e 30% recebe desse valor até 485 euros (R\$ 1.920,53). Os 60 % restantes recebem de zero a 485 euros.

Além disso, é preciso que a modalidade tenha mais visibilidade, pois, conforme Giddens (2002) sinaliza, a visibilidade de um esporte depende se ele recebe um nível satisfatório de exposição em jornais, revistas, rádio ou televisor. Isso é pré-condição para angariar patrocínios, direitos de transmissão, parcerias, bilheteria, venda de produtos, entre outras fontes de receita.

Um dos sintomas do patriarcado para manter a subordinação feminina é qualificar a mulher de determinada forma, em oposição a um homem forte e racional, com o feminino “dotado” de qualidades abstratas como “maternidade, beleza, suavidade, doçura e outras” (BUITONI, 2009, p.24).

Assim, a prática futebolística relacionada às mulheres extrapola as questões de “estigma” e sinaliza um problema de mercado e econômico que, no entanto, persiste enquanto as representações coletivas que inferiorizam as mulheres também permanecerem. Ou, nas palavras de Barthes (1977,p .11), “o que é apenas um produto da divisão de classes e de suas sequelas morais, culturais, estéticas, é apresentado (enunciado) como evidente por si mesmo”.

Estudo de caso: Análise de notícias

Vamos verificar o número de notícias sobre futebol masculino e o futebol feminino no primeiro trimestre de 2022, a fim de compreender o nível de visibilidade da modalidade feminina. Após, vamos descrever como chegamos ao

corpus de análise e como e o porquê escolhemos a temática dois, dentre as outras 10 temáticas que construíamos no contato com as notícias.

Este estudo de caso envolve metodologias qualitativas, tendo como base a análise documental e o método de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. Optou-se por utilizar a técnica Análise Temática. Para Bardin (1977, p. 77), a análise temática remete a “contagem de um ou vários temas ou itens de significação, numa unidade de codificação previamente determinada [...]”.

Há três etapas principais: a pré-análise (coleta de informações), a exploração do material, com o tratamento dos resultados obtidos e a interferência e a interpretação. Na fase de pré-análise, as notícias publicadas pelo GE no primeiro trimestre de 2022 foram tabuladas no excel, pela ordem de publicação: notícia um a 10.075. Destas, 9634 foram sobre futebol masculino e 441 sobre o futebol feminino, ou seja, as notícias sobre a modalidade masculina representaram 96% do total e, a modalidade feminina representou apenas 4%.

Foram coletadas as notícias que mencionavam o Futebol Feminino direta ou indiretamente, ou seja, na maioria dos casos o Futebol Feminino era o foco da notícia, mas há algumas incidências em que a modalidade é apenas citada. O período escolhido permitiu acompanhar um campeonato feminino inteiro, averiguar o início do campeonato feminino mais importante e abarcar o dia das mulheres. A análise utilizada foi a abordagem estatística com salto sistemático aleatório (Amostra sistemática). Peter e Calvin (1965, citados por RIBON FILHO, 2007, p.104) salientam que “[...] a amostragem sistemática é mais rigorosa, já que não há a influência do amostrador, mas há melhor cobertura da área amostrada, o que permite melhor representatividade”. As 411 notícias foram categorizadas em 11 Unidades de registro temáticas, conforme natureza do tema:

1. Informações sobre calendário e jogos
2. **Análise de Atleta**
3. Projetos de Incentivo ao Esporte
4. Categorias de Base
5. Divulgação de torneios e ações de marketing
6. Lesão de Atleta
7. Aspectos financeiros, salários, premiação, contratação e equipe técnica

8. Convocação para seleção
9. Ranking das Equipes
10. Guerra na Ucrânia
11. Assédios no Futebol / (Superior Tribunal de Justiça Desportiva - STJD)

Por uma questão de recorte, escolhemos analisar, neste artigo, a temática dois. Em janeiro, foram publicadas duas notícias sobre futebol feminino na temática dois, em fevereiro, contabilizamos oito publicações e, em março, foram vinte e uma reincidências.

Ao somar a temática dois no trimestre, assim, totalizamos vinte e duas reportagens e, com os saltos a cada cinco notícias, pois foi adotado sorteio com intervalo sistemático (N) de cinco, serão analisadas quatro matérias, no total. A temática dois “Análise de Atleta”, versa sobre a trajetória da atleta (no presente e / ou futuro), a evolução técnica (da jogadora ou equipe) e, como consequência, o surgimento de oportunidades para atuar em equipes, trocar de clube ou seleção. Assim, a temática envolve uma qualificação e análise das mulheres esportistas, o que pode auxiliar a compreendermos como as profissionais estão sendo retratadas. Trazemos um breve resumo da notícia, seguido da análise.

Resumo e análise da primeira notícia da temática dois

Francesa Wendie Renard elogia disciplina tática do Brasil com Pia: ‘Fez isso por onde passou’. – Zagueira do Lyon diz que Torneio da França é um bom teste para a Eurocopa em julho³.

Essa notícia, escrita por um jornalista homem, é uma entrevista com a zagueira Francesa Wendie Renard, que elogia o time brasileiro, ao afirmar que “o Brasil é sempre um país forte, com grandes jogadoras de muita técnica”. A jogadora também destaca a disciplina tática conquistada com a chegada da técnica Pia Sundhage: “tenho muito respeito por esse país e essa treinadora”.

A notícia é interessante porque é uma mulher profissional do futebol analisando também outras mulheres, muito na lógica do que é feito na cobertura masculina. A presença de especialistas autorizados a analisar já demonstra que o campo do futebol feminino existe e conta com pessoas autorizadas a falar, já

³ Cf. [https://ge.globo.com > futebol > futebol-frances > noticia](https://ge.globo.com/futebol/futebol-frances/noticia)

que todo campo é estruturado por relações de poder, distribuídas entre posições de dominantes e dominados, a partir do capital simbólico, econômico e cultural dos indivíduos e instituições envolvidas (Bourdieu, 1989).

Assim, há dois níveis de análise na notícia: a análise de Wendie sobre as jogadoras da seleção brasileira e de sua comandante da equipe e a análise do jornalista, que qualifica a trajetória da jogadora francesa: “dona de uma carreira extremamente vitoriosa pelo Lyon, onde ganhou todos os títulos possíveis”. Esse trecho, de certa forma, endossa a análise feita acerca da seleção brasileira pela jogadora, que seria alguém de peso no campo.

A qualidade das jogadoras brasileiras é reconhecida por Renard. Entretanto, para o sucesso de uma equipe, é necessário a combinação da técnica (individualidade) com a disciplina tática. Esse fato foi conseguido com a nova treinadora estrangeira, que vem do Norte Global, o que também sinaliza a profissionalização da área, na esteira global do que já ocorre com a modalidade masculina. A própria notícia cita o investimento no futebol feminino feito no início dos anos 2000 por clubes europeus, como foi o caso do próprio Lyon, de Renard. A jogadora estava “no lugar certo na hora exata”, pois fez um teste aos quinze anos para o elenco feminino exatamente quando o clube “começava a investir no profissionalismo do futebol feminino, um projeto que fez o time se tornar a principal referência da modalidade na Europa (Globo Esporte, 2022).

Segundo Maia (2021), ao se verificar os cargos de liderança no futebol feminino, é visível a superioridade masculina. Em 2013, eram 18 técnicos homens contra duas mulheres no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. Em 2018, o número de técnicos homens foi de 25, contra sete mulheres. Percebemos o crescimento de técnicos nas duas modalidades, o que aponta para uma profissionalização da área, no entanto, o número de homens na liderança de equipes femininas ainda é mais que o triplo em relação às mulheres.

Desse modo, com essa baixa representatividade nos cargos técnicos ocupados pelas mulheres nos clubes, o seu protagonismo e sua competência em comandar equipes é posto como algo duvidoso.

A trajetória das atletas que desejam fazer do futebol um campo de atuação profissional é composta de percalços e preconceitos (SALVINI, 2016), mas a imprensa tende a enfatizar os jogos e o espetáculo (SODRÉ, 1977), promovendo um certo apagamento com relação às condições de trabalho, econômica e social. No entanto, a notícia em questão não faz isso e fala sobre o fato da jogadora ser da Martinica e a caçula, entre quatro irmãs. Relata que ela viajou aos 15 anos para a França, a fim de tentar um teste e que fracassou no teste para a Federação Francesa de Futebol, mas que, logo após, conseguiu a vaga no teste do Lyon. Assim, inferimos a baixa condição social dela, embora a notícia não deixe claro.

Fica claro também que oportunidades locais ainda são escassas e que em grandes centros da modalidade é que os jovens atletas podem conquistar algum espaço, pois há um baixo investimento nas categorias de base. O mesmo ocorreu com a jogadora brasileira Marta, por exemplo, e tantas outras atletas, das modalidades feminina e masculina.

No Brasil, a não participação feminina no futebol ocorreu por vários fatores, como a ideia de que o esporte era inapropriado para o corpo feminino, podendo prejudicar o papel reprodutivo feminino, a ideia de que o lugar da mulher é na esfera do lar, e não na esfera pública, no espetáculo - tudo isso vinculado a uma visão patriarcal em que a mulher é subjugada, vista como não produtiva economicamente. Esse panorama também explica o porquê o Conselho Nacional de Desporto (CND), em 1941, publicou um documento proibindo as mulheres de praticar atividades como futebol, lutas, boxe, salto com vara, entre outras, permitindo alguns esportes de maneira recreativa, ou seja, não profissional. Também explica o fato do futebol feminino só ser regularizado em 1983, ou seja, pouco mais de 40 anos.

Isso ainda influencia o mercado de trabalho fortemente em muitas profissões, com os homens ganhando em média 118% a mais que as mulheres no futebol, segundo pesquisa do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) da Secretaria da Previdência e Trabalho do Ministério da Economia.

Na atual conjuntura, percebem-se os investimentos dos clubes e isso ajuda a minimizar essa discrepância entre os gêneros. Analisemos a fala da atleta:

Hoje, o Lyon não está mais sozinho. Outros clubes de massa estão investindo em seus times femininos, e Renard celebra a chegada da concorrência. – Fico muito contente, quanto mais os grandes clubes masculinos se envolverem com o futebol feminino, melhor será o futebol jogado pelas mulheres. Na Liga dos Campeões, vemos nomes como o Real Madrid, Paris Saint-Germain, Lyon, Wolfsburg, Chelsea [...]. A estrutura para a competitividade é extraordinária - afirmou a capitã da equipe francesa (GLOBO ESPORTE, 2022).

A fala de Renard revela tanto o crescimento da modalidade feminina quanto a dependência do futebol feminino em relação ao masculino, tendo em vista que é necessário que os clubes masculinos se envolvam para que os femininos cresçam, ou seja, os femininos não têm autonomia, dependendo financeiramente dos clubes masculinos. A autonomia financeira é uma das condições para reverter a subordinação do patriarcado para Delphy (2009) e Saffioti (2001).

A notícia adjetiva as mulheres, citadas de forma positiva. A própria Renard é elogiada pelo jornalista que escreve a matéria. Há também três fotos na notícia: uma de Renard sozinha, sentada no campo e sorrindo, uma da jogadora comemorando um gol feito por ela durante uma partida, com outras colegas de time em segundo plano, e uma terceira foto do time de Lyon recebendo a taça da Liga dos campeões, com Renard levantando a taça e bem no centro da fotografia. Imagetivamente, a notícia também constrói as jogadoras como profissionais em ação e premiadas, dando ênfase ao protagonismo de Renard.

Resumo e análise da notícia dois da temática dois

Sereias da Vila destacam a intensidade nos treinos do Santos antes de início da temporada – Primeiro desafio do Peixe será em março, no Campeonato Brasileiro⁴.

A notícia é assinada pela redação do GE e destaca a fase de preparação física das atletas, o que é resultado do aumento da visibilidade das jogadoras. Vale destacar as falas das atletas Julia Daltoé e Bia, respectivamente: “Teremos diversos desafios pela frente e vamos nos preparar da melhor forma para encarar todos eles”; “Se cheguei até aqui foi por méritos, eu vou continuar da mesma maneira para poder conquistar grandes coisas pelo clube” (GLOBO ESPORTE, 2022). A última vez que o Santos conquistou um título nacional foi em 2017. Em 2020, conquistou a Copa Paulista, já com as jogadoras no elenco.

A notícia destaca a intensidade dos treinos, o desafio da próxima temporada em tom sério e profissional, sem falas descontraídas das jogadoras, que procuraram enfatizar o foco na competição e a trajetória de dedicação ao esporte. O que chamou a atenção foi a fotografia, de duas jogadoras em atitude muito descontraída para o tom da notícia: uma com a língua para a fora e a outra fazendo uma saudação informal com os dedos, bem diferente do discurso de profissionalismo adotado pelas jogadoras.

O próprio termo “sereia”, escolhido pelo Santos para a equipe feminina, é curioso e pode encontrar suas explicações no “mito da beleza” (WOLF, 2020), bem como na distribuição das emoções com relação aos gêneros, como já mencionamos a partir de Lutz (1988). Para a autora, o imaginário euroamericano costuma designar às mulheres o papel de “gênero emotivo”, identificando as mulheres com a “irracionalidade”, “não-objetividade”, o “caótico” e o “privado”. A emoção é corriqueiramente associada ao feminino e vista sob um prisma negativo, em oposição ao pensamento, que seria inerente ao homem e sinônimo de racionalidade. Para as mulheres, a emoção seria o espaço do descontrole, o que as torna seres perigosos e frágeis ao mesmo tempo (LUTZ, 1988).

Assim, ressaltamos que foi uma escolha de marketing do clube, e não iniciativa do jornalista que redigiu, mas devemos desconfiar da escolha de um

⁴ Cf. <https://ge.globo.com/santos/noticia/2022/02/24/s...>

ser mitológico conhecido como traiçoeiro e sedutor, que atraia os homens para a morte com a sua beleza e não podemos ignorar que a perpetuação de notícias que associam jogadoras às sereias não gerem efeitos de sentido no imaginário coletivo.

É cabível salientar que a fala da “Bia”, ao afirmar que a sua trajetória no esporte não foi fácil, dialoga com Goellner (2005) quando foi explorado anteriormente acerca das dificuldades encontradas pelas futebolistas. Citando Balardin (2018), quando os clubes precisam de hospedagem para as mulheres, a escolha é feita por hotéis de baixo custo ou mesmo alojamentos em colégios ou ginásios esportivos. Nas viagens, na sua grande maioria, o modal de preferência é o ônibus, ocasionando muitas horas de deslocamento para poder economizar nos valores das passagens aéreas. Ademais, existem problemas que envolvem a estrutura e recursos físicos, como campos irregulares e os treinos que acontecem em parques públicos, visto que há uma reserva dos campos para os atletas homens. No Brasil, o futebol feminino luta contra estereótipos de gênero, falta de infraestrutura e, obviamente, questões financeiras (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013).

Infere-se predileção pela modalidade masculina, a partir da qual a indústria do futebol efetivamente se organiza. Isso foi uma realidade do próprio Santos que, apesar de ter uma das equipes femininas mais fortes entre 2009 e 2012, teve o time encerrado por falta de patrocinadores e recursos internos. A fala do ex-presidente, Luís Álvaro de Oliveira Ribeiro (LAOR), chama a atenção. Ele foi questionado se o motivo do fechamento da equipe era para manter Neymar no elenco e respondeu: "o que eu disse é que o objetivo do Santos é o futebol profissional que tem 100 anos de existência. As demais atividades são possíveis quando for possível". Ou seja, ele deixa claro que não considera as sereias profissionais, colocando as jogadoras como acessórias em relação ao masculino, que goza de prestígio e história. Em 2015, o clube resolveu retomar a modalidade feminina.

Embora em outros países o cenário já seja mais favorável às mulheres, a modalidade feminina é precarizada em relação à masculina de modo geral, pois é fruto de um patriarcado estrutural. Nos EUA, por exemplo, onde o futebol

feminino está estruturado com diversos campeonatos, os salários variam de 6 mil dólares anuais até pouco mais de 30 mil dólares anuais. No entanto, o maior salário anual da Liga Americana Feminina de Futebol equivale a 0,5% do salário do jogador brasileiro Kaká, com o maior salário da Liga Americana de Futebol: mais de 7 milhões de dólares. O salário mais baixo recebido por um jogador da Liga Americana de Futebol é de 60 mil dólares, o dobro do maior salário da liga feminina. Já a média salarial das jogadoras no Brasil fica em torno de 360 dólares.

Resumo e análise da notícia três da temática dois

Marta completa 36 anos e comenta a renovação da seleção feminina⁵

Essa publicação é um vídeo, que foi transcrito para possibilitar a análise do texto em off do entrevistador e as declarações de Marta. Do estúdio, o âncora chama matéria anunciando uma entrevista exclusiva com uma pessoa referência e que, “quer você goste ou não de futebol você conhece: a rainha Marta.

As palavras “referência” e “rainha” são usadas no início da notícia, o que demonstra destaque da jogadora no campo do futebol feminino. É interessante notar que o grande ícone do futebol masculino, Pelé, é chamado de rei, assim, uma conexão é estabelecida de forma indireta entre ele e Marta, denotando o nível e importância da atleta.

A entrevista faz um apanhado da carreira de Marta, em comemoração do seu 36º aniversário. Ela brinca dizendo que aos 36 anos o corpo já “não tem aquele gás que tinha com 20 anos, que podia treinar três vezes por dia e estava bem de boa, na beira da lagoa. Mas, de verdade, eu to me sentindo muito bem”.

Ela fez um apelo emocionado para que as gerações posteriores não desistam e alerta para a necessidade de renovar a seleção principal: “o futebol feminino depende de vocês para sobreviver”. Não vou jogar para sempre, a formiga já parou e a Cristiane não vai jogar para sempre. O futebol feminino depende de todas.

⁵ Cf. [Esporte Espetacular | Marta completa 36 anos e comenta ...](#)

A notícia demonstra que a renovação na seleção já começou a ocorrer, destacando novos talentos e boa a relação das meninas com a Marta, a partir de imagens que as jogadoras fazem dancinhas após gols, explora imagens de Marta visitando sua cidade natal em Alagoas, algo que, segundo a reportagem, Marta faz todos os anos, pois faz questão de jogar pelada com as crianças, passear pelas ruas e falar com o povo.

Ou seja, a matéria também explora o lado humano e de liderança da jogadora. “A Marta também não deixa as suas lutas pessoais de lado”. Os seis troféus de melhor jogadora do mundo dão a autoridade na cobrança pelo equilíbrio entre os gêneros no esporte”.

Nesse ponto, consideramos que o texto da reportagem acaba colocando uma luta coletiva como uma bandeira individual de Marta, algo que soa dissonante com a natureza da luta e da própria fala da jogadora, que utiliza a forma plural, como em “o futebol feminino depende de vocês”, ou em “O futebol feminino depende de todas”. Tanto que, logo após a fala do repórter, a jogadora declara: “A voz não é só da Marta hoje. É de todas”. Então elas estão também engajadas nesse papel de cobrar, mas de cobrar da maneira correta. De lutar por melhoria, igualdade. Antigamente, uma ou duas que falavam. E hoje a gente vê muitas vozes femininas falando”.

Percebemos, portanto, que ela deixa claro a dimensão coletiva da luta e, quando a reportagem relaciona a legitimidade da carreira de Marta como algo que endossa a fala dela, pode acabar desestimulando outras mulheres de se engajarem na luta, por não se sentirem tão autorizadas.

Assim, a notícia fica paradoxal, com a mensagem de que é preciso ser uma referência no campo para lutar pela igualdade de gênero, ao passo que Marta convoca todos para a luta. Isso fica bem claro na fala final da jogadora, quando o jornalista pergunta qual mensagem ela queria deixar, “nesta data importante que está chegando, o oito de março?”.

“O dia internacional da mulher é o dia da luta constante que nós mulheres temos que encarar, mas que aos poucos a gente percebe que estamos ocupando espaço e isso a deve a muitas mulheres fantásticas, guerreiras que durante décadas e décadas vem lutando para abrir portas para outras mulheres. **Mas**

que isso seja o começo de um dia propício para todos. Que não seja só o dia internacional da mulher, que seja o dia da igualdade de gênero (grifo nosso).

Um fato a se mencionar é a qualidade das imagens da entrevista e da cobertura do globo esporte de maneira geral, com fotos das mulheres jogando, em ação e retratadas de modo profissional, apenas com exceção da notícia sobre as sereias, cuja escolha de imagem muito descontraída não combinou em nada com o tom de seriedade, preparo e compenetração adotado na fala das entrevistadas e que marcava o próprio texto do jornalista. Essa linha editorial imagética é importante, inclusive, para o combate de um imaginário preconceituoso com relação às esportistas que ainda é muito presente, como no trabalho de Araujo et al (2021), em que os autores analisam comentários de internautas sobre notícias da seleção brasileira feminina, no próprio Globo Esporte. Os comentários são sintomáticos dos argumentos de subalternização que reforçam a dominação patriarcal: “masculinizadas”, “fragilidade”, “futebol forçado”, “tosco” e “futebol feminino não presta (...) vão formar família que é melhor”.

As ofensas e estigmas demonstram que o diário patriarcal ainda marca fortemente a modalidade feminina, vista, por muitos, como um subproduto da masculina. No Brasil, ao falar de futebol, imagina-se o masculino.

É óbvio dizer que o futebol, no Brasil, é considerado um “esporte masculino”, “esporte de homem” e até mesmo pode soar como um pleonismo colocar as coisas nesses termos. E, por se tratar de um esporte muito popular, serve como paradigma comparativo para todos os outros. Dessa forma, a concepção e a classificação do vôlei como um esporte “para moças”, “de mulherzinha”, “feminino”, ganham sentido numa forma de pensar organizada pelo binômio masculino/feminino, na qual há uma evidente hierarquia entre os elementos [...]. (OLIVEIRA, 2010, p. 76).

A partir de uma das falas de Marta podemos perceber como o futebol ainda é muito masculino, quando a atacante diz que todas as jogadoras “estão engajadas nesse papel de cobrar, mas de cobrar de maneira correta, de lutar por

melhoria, igualdade, porque antigamente era uma ou duas que falavam, mas hoje em dia, a gente tem muitas vozes femininas falando”. Essa ressalva da maneira correta de cobrar chama a atenção para como a pauta da igualdade de gênero parece ser um tópico incômodo no mundo esportivo.

O repórter fecha a matéria questionando qual mensagem Marta gostaria de para as pessoas, diante da proximidade do Dia Internacional da Mulher, celebrado em 8 de março. Marta responde que é um dia de luta e que a luta é diária, mas que aos poucos as mulheres estão ocupando os espaços devidos. E que nós devemos isso a muitas mulheres guerreiras que lutaram por muitas décadas para abrir essas portas. “Que seja o dia de todo mundo, e não apenas da mulher. Que seja o dia da igualdade de gênero”.

Ao contabilizar as notícias veiculadas pelo site do GE, foi verificado que, no mês de janeiro de 2022, um total de 3.807 reportagens veiculadas, das quais 95 eram reportagens femininas e que correspondia a 2% do total. No mês de fevereiro foram 2846, dos quais 128 eram sobre a modalidade feminina e que correspondia a 4% das notícias. Em março, foram 3422, sendo 218 reportagens sobre futebol feminino, correspondendo a 6% das notícias. Ressalta-se o aumento do volume de reportagens em razão de ter sido o mês em que se comemorava o dia Internacional da Mulher. Com isso, especificamente no referente mês, foram divulgadas 6 notícias sobre o Dia Internacional da Mulher. O pedido de igualdade de gênero de Marta faz todo o sentido, já que é preciso chegar o mês de março para que as mulheres tenham um destaque maior na mídia esportiva.

Resumo e análise da notícia quatro da temática dois

Artilheira, Jhonson explica o apelido, mira Exterior, mas diz: “Quero ficar mais tempo com minha família”. – Jogadora do Toledo tem multa rescisória milionária e contrato até 2026. Atleta entra em campo com a seleção sub- 17 para a decisão do Sul – Americano contra a Colômbia neste sábado, às 20h30min⁶.

⁶ Cf. <https://ge.globo.com › blogs › post › 2023/01/27 › pro...>

A notícia foi escrita por Cíntia Barlem, jornalista e comentarista de futebol feminino do Globo. Retrata a habilidade da atleta Jhonson, de 16 anos, que já atua com a camisa verde e amarela na seleção Sub-17, despontando na artilharia no Campeonato Sul-Americano. Há uma foto de tamanho grande da jogadora dando um voleio, similar às imagens dos atletas em ação, no futebol masculino.

A notícia procura explicar o apelido da jogadora, cujo nome é Ingrid Aparecida Borges de Moraes. Ela explica que quando foi jogar cedida em Toledo perguntaram se ela tinha apelido, ao que ela explicou que tinha dois: Dumbinha, colocado pelo pai e Jhon, nome dado pelas colegas de Londrina, quando a jogadora esteve lá cedida para um time. A pessoa sugeriu Jhonson, em vez de Jhon, alegando que no futuro o nome iria estourar. A jogadora concordou, gostou e colocou na camisa.

Percebemos a adoção de um sobrenome da língua inglesa como estratégia para alavancar a carreira, em um cenário internacional, mas a prática acaba promovendo a imprecisão de gênero, no sentido de que, no Brasil, tendemos a adotar o primeiro nome. Jhonson alega que “é o sonho de muitas e estou realizando um sonho meu” (GLOBO ESPORTE, 2022). A mesma retórica de ser uma espécie de representante de muitas outras mulheres aparece também em outra fala da jogadora: “É um sonho de muitas jogar fora do país. É meu sonho também jogar fora”. Assim, a jogadora negra, pobre e de uma família com sete irmãos, sente o peso de ser uma inspiração para outras jovens meninas, mas este fato divide espaço com um discurso que busca não diminuir o brilho da atleta, como em “sempre fiz muitos *goals*, não é tão novidade”.

Ao trazer os valores da venda da jogadora, a jornalista deixa ainda mais evidente no texto o alto nível da jogadora, cujo “valor para clubes do exterior foi colocado em 10 milhões de dólares. Para se ter uma ideia, o recorde no feminino foi a transferência da atacante dinamarquesa Pernille Harder do Wolfsburg para o Chelsea por 337 mil euros (cerca de 1,8 milhão de reais)”.

Para Maciel (2020, citado por MAGALHÃES *et al.*, 2021, p. 2), “as evidências apontam que diferenças salariais entre gênero persistem ao longo do

tempo”, mas o caso de Jhonson demonstra que o mercado feminino está mudando.

Penso muito na minha família. Penso em aproveitar minha família, minha irmãzinha acabou de nascer”. Encerrou a entrevista dizendo: “Quero ficar mais tempo com minha família antes de ir para o exterior” (GLOBO ESPORTE, 2022). Neste ponto, a mentalidade de que o lugar da mulher é na esfera do lar, com a família e o ideal do cuidado materno talvez tenham tido mais peso para Jhonson do que teria para um jogador, embora a jovem alegue que irá atuar no exterior, no futuro.

Consideração finais

A representação de mulheres irreais e uma superexploração da sexualidade feminina sinalizadas no conhecido trabalho de Buitoni (2009) não são uma realidade na cobertura do GE isso não significa, no entanto, que um discurso que reforce a lógica do patriarcado e a própria subalternização feminina não marque as notícias que buscam qualificar as atletas do do futebol feminino.

Parte do discurso que faz o patriarcado prevalecer, no entanto, é consequência da dinâmica de um mercado de trabalho que ainda desfavorece a mulher, ainda mais em um esporte tão vinculado ao masculino, enquanto um discurso mais sutil pode ser inferido de algumas escolhas feitas pelos jornalistas.

A notícia um, na qual Renard avalia a técnica que lidera a seleção retrata a dependência financeira da modalidade feminina em relação à masculina, o que é consequência de mercado e de uma mentalidade que ainda defende a mulher no espaço doméstico e trabalho reprodutivo não remunerado (Federici, 2017), e não na esfera pública. É o mesmo caso da notícia quatro, sobre Jhonson, que revela a escolha do nome profissional em vista da carreira internacional.

Na notícia dois, sobre as atletas dos Santos, os jornalistas não escolhem denominar as atletas de “sereias”, apelido dado pelo clube. Associar as jogadoras com uma ser mitológico ardil e belo não deixa de contribuir na perpetuação de um imaginário euroamericano (Lutz, 1988) no qual a mulher é representada como irracional, emotiva e perigosa. Além disso, a escolha da foto muito irreverente das jovens jogadoras, transmite uma mensagem pouco

profissional e que não estabelecia relação com o conteúdo da pauta e nem as declarações das jogadoras.

Na notícia três, sobre a trajetória de Marta, a jogadora é apresentada como referência e rainha. A notícia também demonstra que ela quebrou recordes entre homens e mulheres. No entanto, no momento em que o repórter diz que “os seus seis troféus de melhor jogadora do mundo dão a autoridade na cobrança pelo equilíbrio de gênero”, soa paradoxal, pois, ao mesmo tempo reforça a imagem positiva da atleta e sugere que outras pessoas comuns não teriam legitimidade para lutar pela igualdade de gênero. Além disso, a reportagem coloca a bandeira como uma “luta individual de Marta”, quando a própria jogadora reforça, diversas vezes, que é uma luta de todos, sempre recorrendo a formas plurais em seu discurso.

A superação desses problemas passa por compreendermos a subalternização da mulher como algo secular que perdura de modo estrutural na sociedade. Talvez esse cenário poderia ser mais facilmente revertido pela mudança na gestão dos clubes, que, na sua grande maioria é feita por homens. Há uma grande “lacuna em termos de posições sociais ocupadas por mulheres na presidência de clubes esportivos” (KESSLER, 2012, p. 243).

Referências

AKOTIRENE, karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019

ARAUJO FURQUIM, A.; FERREIRA, M.; ROMERO MONTENEGRO, N. .; GURGEL VIEIRA, R. A. Mulheres no futebol: uma análise midiática pela perspectiva dos estudos culturais: A MEDIA ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF CULTURAL STUDIES. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 24, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/68583>. Acesso em: 24 jan. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Lições Persona, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BONFIM, Aira Fernades. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais), FGV -CPDOC, Rio de Janeiro, 2019.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de Papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina. São Paulo: Summus, 2009.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). *In*: HIRATA, Helena *et al.* **Dicionário crítico do feminismo**. 1ª edição. São Paulo: UNESP, 2009. p. 173-178.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FIFA. FIFA statutes: may 2021 edition. maio. 2021. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/7e791c0890282277/original/FIFA-Statutes-2021.pdf> Acesso em: 14 fev. 2023.

FIFA. (s.d.). **History of Football - The origins**. Fonte: FIFA: <https://www.fifa.com/aboutfifa/who-we-are/the-game/index.html> FIFA. Disponível em: <https://www.fifamuseum.com/en/blog-stories/editorial/origins-greco-roman-ball-games/>. Acesso em: 04 mai. 2022.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **REV. BRAS. EDUC. FÍS. ESP.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

GOMES, Euza *et al.* As representações da mídia sobre a gestão feminina no clube de regatas flamengo. **PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 1, n.1, p. 151-173, 2012.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. História da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MOURÃO, Ludmila; GOMES, Euza Maria. Mulheres na administração esportiva brasileira: uma trajetória em curso. *In*: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman. **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gênero, desempenho. 1ª Edição. São Paulo: Aleph, 2004. p. 305-317.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SALVINI, Leila; MARCHI Jr., Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, Abr-Jun, 30(2),p. 303-11, 2016.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.